

EDITORIAL

“Após a tomada de consciência da vítima, há outros momentos necessários, posteriores, diacrônicos, em que os oprimidos-excluídos, *pela tomada de consciência*, lutam pela ‘participação’ plena na ‘futura’ comunidade de comunicação antecipada na comunidade das próprias vítimas e seus aliados. A Ética da Libertação vem há muitos anos insistindo na ‘interpelação’ do outro perante um ouvido que saiba ouvir que denominamos ‘consciência ética’ no sistema como origem do processo de libertação. Devemos hoje propor um novo desenvolvimento, pois há todo um processo *anterior*, a partir da tomada de consciência do outro (oprimido-excluído), que inicia o processo de reconhecimento e *solidariedade primeira* (entre os próprios outros como vítimas, entre os oprimidos, no povo excluído entre eles mesmos) a partir da sua própria *responsabilidade originária* deles mesmos como sujeitos de nova história. Rigoberta conta: Os ricos vêm do lado de lá, onde está o governo dos ladinos, o governo dos ricos, até os latifundiários. Já começamos a ver com mais clareza as coisas e, como dizia, não foi difícil entender que era preciso lutar junto com os outros. Comecei a viajar por diferentes lados. Consultando todas as coisas... E então compreendia melhor meus irmãos” (Dussel, 2000, p. 425, grifo do autor).

No primeiro quarto do século XXI, não alcançamos ainda uma compreensão plena da condição originária da existência humana. Todo ser humano chega ao mundo por meio de outra pessoa. Ao nascer, encontra-se numa relação de dependência e interdependência, como o primeiro ato ontológico da existência. É na relação com o outro que o sujeito se constitui e se reconhece ao longo de sua trajetória histórica.

Entretanto, as diversas formas de produção do conhecimento, as tradições científicas, as ideologias e os discursos de matriz colonizadora têm historicamente negado essa dimensão relacional e constitutiva do ser humano. Essa perspectiva tende a objetivar o outro, destituindo-o de sua condição de sujeito epistêmico e reduzindo-o ora à figura do inimigo, ora à condição de vítima. Tal redução constitui um processo de desumanização, na medida em que o outro deixa de ser reconhecido em sua dignidade, como sujeito do conhecimento. Tratado como mercadoria ou nem como mercadoria, passa a ser integrado em estruturas de dominação e exploração.

Nesse processo, desconfigura-se a centralidade do “rosto humano” como categoria ética fundamental. Sob o olhar e a escuta da interdisciplinaridade, podemos capturar nesses rostos os marcadores históricos e sociais, assim como perceber e sentir as dores e os sofrimentos das vítimas dos sistemas de exploração e produção. A invisibilização do

rosto implica a negação da alteridade e a supressão da responsabilidade ética diante do outro.

Epistemologias orientadas por uma racionalidade instrumental, vinculadas a projetos colonizadores, opressores e dominadores, contribuem mais para a reprodução das estruturas de poder do que para a promoção e proteção da vida. Alguns autores caracterizam essa racionalidade como expressão de uma “ciência burguesa”. Daí, poderíamos argumentar que tais concepções e práticas científicas se configuram como uma forma de ciência opressora, ou “não ciência”, uma vez que obscurecem a realidade, negam a vida e desconsideram a centralidade do ser humano.

É nesse horizonte crítico que se insere o debate promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), ao reunir os pesquisadores e professores Djalma Thürler, da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e João Clemente de Souza Neto, da UPM, e a pesquisadora e professora Verônica Teixeira Marques, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (Aninter)/Afya Unima. Articulados com outros pesquisadores, a equipe propôs um dossiê sobre a epistemologia da complexidade e o “fazer” interdisciplinar, com o objetivo de fomentar uma reflexão acerca das bases epistemológicas que orientam a compreensão do outro, especialmente das vítimas. O dossiê contou com a submissão de 15 artigos, dos quais nove foram selecionados para compor o dossiê final.

A proposta consiste em investigar como uma determinada atitude de abertura ao outro pode contribuir para a conscientização das vítimas e, simultaneamente, para a reconstrução da humanidade naqueles que dela se afastaram. Tal perspectiva dialoga com a tradição filosófica que afirma que a opressão do outro implica a perda da própria humanidade, como acena Santo Agostinho, ao sustentar que aquele que oprime outro ser humano nega a essência própria da vocação humana.

Dessa forma, propomos o aprofundamento de uma epistemologia interdisciplinar de matriz latino-americana, a ser compreendida como uma epistemologia interdisciplinar analética, centrada na alteridade, no reconhecimento do outro e na escuta das vozes historicamente silenciadas. Trata-se de uma abordagem que busca não apenas interpretar a realidade, mas também transformá-la a partir de uma ética da responsabilidade e do compromisso com a vida. Em tempos de diversidade humana, cada pessoa tem que sempre ser respeitada em sua dignidade, e isso exige tomada de consciência.

O educador deve então “aprender” o mundo do educando. Só assim pode intervir. [...] Freire, então reconhece que é a vítima quem toma consciência crítica. O educador lhe possibilita o descobrimento da sua

condição de vítima. Isto é a consciência que não chega à vítima de fora, mas surge de dentro da sua própria consciência despertada pelo educador. [...] A importância do educador consiste no fato de dar ao educando maior criticidade, ao ensiná-lo a interpretar a realidade objetiva criticamente (para isso se faz necessária a ciência social crítica, ou seja, a consciência ético-crítica) (Dussel, 2000, p. 439).

É nesse marco teórico e metodológico que se insere a revista *Trama Interdisciplinar*, cuja proposta é produzir conhecimento crítico e reflexivo, comprometido com a construção de uma racionalidade mais humana, inclusiva e libertadora.

Esta edição do dossiê é coordenada pelos professores doutores Djalma Thürler (Ufba), João Clemente de Souza Neto (UPM) e pela professora doutora Verônica Teixeira Marques (Aninter/Afyá Unima). Desde já, expressamos nosso agradecimento aos pesquisadores e às pesquisadoras responsáveis pela proposição deste dossiê, bem como aos autores e às autoras dos artigos nele reunidos, comprometidos com o campo da interdisciplinaridade.

Mais do que um procedimento metodológico, a interdisciplinaridade configura um modo de olhar, interpretar, questionar a realidade e intervir nela. É um gesto político, na medida em que desafia hierarquias instituídas, confronta lógicas produtivistas e resiste à redução da pesquisa a meras métricas de eficiência. Além dos temas específicos, este dossiê contém nove artigos de fluxo contínuo, que também colaboram na reflexão da interdisciplinaridade.

Agradecemos a todos os autores e a todas as autoras desta edição que disponibilizaram seus artigos para serem publicados. Do mesmo modo, agradecemos aos professores coordenadores.

Desejamos a todos uma excelente leitura.

João Clemente de Souza Neto
Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

REFERÊNCIA

DUSSEL, E. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.